

## A PESQUISA INTERDISCIPLINAR E OS DESAFIOS DA ESCRITA NA PÓS-GRADUAÇÃO

### *INTERDISCIPLINARY RESEARCH AND WRITING CHALLENGES IN POSGRADUATE STUDIES*

*Patrícia Falco Genovez<sup>1</sup>  
José Luiz Cazarotto<sup>2</sup>*

#### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo apresentar alguns desafios relativos à escrita interdisciplinar no cenário da educação e da pesquisa na pós-graduação. As abordagens interdisciplinares surgem exatamente da necessidade de se lidar com o objeto complexo enquanto tal. Disto surgem diversas dificuldades e uma delas é a escrita que exige a adoção de posturas e procedimentos que devem ser observados. Eles foram pensados a partir de pesquisas de grupos de estudo voltados para esse tema, de algumas obras e da prática de orientação de projetos desenvolvidos no âmbito da pós-graduação stricto sensu interdisciplinar. Considerando tais procedimentos, são apresentadas quatro teorias: a da complexidade interdisciplinar, a da tomada em perspectiva, da base comum e da integração. Dessa interação entre procedimentos e práticas podemos indicar que: 1- a escrita interdisciplinar parte de uma postura disciplinar e se projeta na interdisciplinaridade tendo como pano de fundo o respeito pela complexidade do objeto; 2- a interdisciplinaridade é a possibilidade desafiadora de inovar, rompendo o hermetismo disciplinar e a postura de se saber cada vez mais sobre o que já se sabe; 3- trata-se de questionar o que se sabe; 4- sua prática requer o desenvolvimento de algumas qualidades: humildade, coerência, espera, respeito e desapego; 5- os aspectos psicológicos da prática interdisciplinar não podem ser descartados: receio ante o desconhecido, medo de fracasso, coragem e capacidade inovadora frente aos dilemas contemporâneos; 6- em razão de tais indicações há que considerar os descompassos entre a prática interdisciplinar, a estrutura administrativa universitária brasileira, os critérios de avaliação dos periódicos qualisados e da própria CAPES que utilizam os mesmos critérios de tempo, produção e resultados que as pesquisas disciplinares.

**Palavras-chave:** Abordagem Interdisciplinar. Pesquisa. Escrita acadêmica.

#### **ABSTRACT**

This article deals with some challenges one find in writing in educational and postgraduate studies research. Interdisciplinary approaches arise due the necessity to deal with a complex issue and respect it. From this point come to light several difficulties and one of these is the writing. So one must have in mind some postures and procedures. These come from some researches with study groups facing this subject, some publications and the practice of guiding projects developed in the realm of postgraduate research. Alongside with these issues, this article presents four theories of the interdisciplinary approach: interdisciplinary complexity, perspective taking, common base and integration. From this interaction between procedures and practices, we can indicate that: 1- interdisciplinary writing starts from a disciplinary posture and projects itself in interdisciplinarity, having as a background respect for the complexity of the object; 2- interdisciplinarity is the challenging possibility to innovate, breaking the disciplinary hermeticism and the posture of knowing more and more about what is already known; 3- it is about questioning what is known; 4- its practice requires the development of some qualities: humility, consistency, waiting, respect and detachment; 5- the psychological aspects of interdisciplinary practice cannot be discarded: fear of the unknown, fear of failure, courage and innovative capacity in the face of contemporary dilemmas; 6- due to such indications, it is necessary to consider the mismatches between interdisciplinary practice, the Brazilian university administrative structure, the evaluation criteria of qualified journals and CAPES itself, which use the same criteria of time, production and results as disciplinary research.

**KEYWORDS:** Interdisciplinary approach. Research. Academic writing.

<sup>1</sup> Graduação em História (UFJF-1993), mestrado em História (UFF-1996), doutorado em História (UFF-2003) e pós-doutorado em Teoria e Metodologia da História (UFMG-2016). Professora titular da Universidade Vale do Rio Doce, com pesquisa nos seguintes temas: interdisciplinaridade, metodologia, formação histórica do território, memória, Patrimônio Cultural, história oral e territorialidades. Email: [patricia.genovez@hotmail.com](mailto:patricia.genovez@hotmail.com).

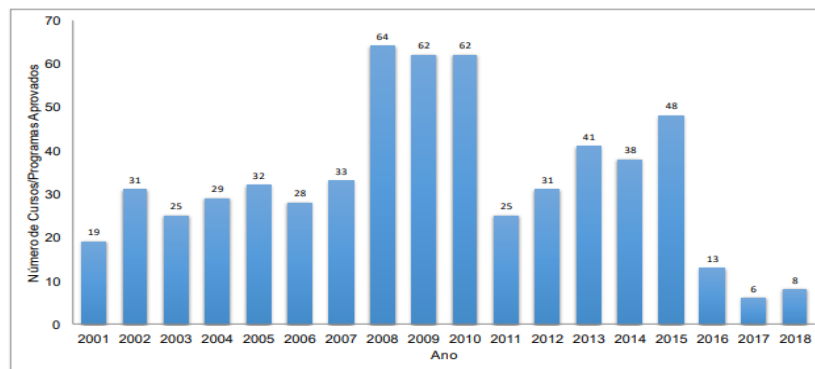
<sup>2</sup> Graduação em Filosofia (PUC/PR-1973) e Psicologia (FMU-1984), doutorado em Psicologia (Universidade Pontifícia Salesiana de Roma-1997). Membro da Academia Valadarense de Letras, com pesquisas nos seguintes temas: religião, psicologia, antropologia, educação e território. Email: [jlcazarotto@uol.com.br](mailto:jlcazarotto@uol.com.br).

## INTRODUÇÃO

Começar uma pesquisa interdisciplinar no contexto da pós-graduação parece, à primeira vista, uma empreitada que exige dedicação e comprometimento; além de uma boa dose de coragem. A prática interdisciplinar na educação superior brasileira, especialmente na pós-graduação *stricto sensu*, caminha a passos mais apressados nesta última década. Para se ter uma ideia, o primeiro evento para discutir a interdisciplinaridade nas universidades brasileiras ocorreu em 2010, uma década após a criação da câmara interdisciplinar na CAPES, e foi seguido por outros dois encontros em 2012 e 2014. Foi logo após o primeiro evento, que o livro *Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação* foi publicado, com a intenção de “promover uma reflexão sobre teorias e práticas interdisciplinares” (PHILLIPPI Jr. A.; SILVA, A. J., 2011, p. XVII). No capítulo referente ao histórico dos fundamentos teórico-metodológicos da interdisciplinaridade temos um apanhado criterioso a partir do qual percebemos a iniciativa de alguns pesquisadores brasileiros em meio a inúmeros autores estrangeiros, dentre os quais, destacam-se o filósofo Hilton Japiassu (falecido em 2015), que desde a década de 1970 refletia sobre a interdisciplinaridade, e a pedagoga Ivani Fazenda, fundadora do *Grupo de Estudo e Pesquisa em Interdisciplinaridade*, em 1981 (GEPI, 1981). Acompanham essas duas referências pesquisadores que investiram na interdisciplinaridade na área da saúde: Naomar de Almeida Filho e Augusta Tereza de Alvarenga; na área ambiental, o destaque foi dado para Arlindo Phillippi Jr (ALVARENGA, A. T. de. *et al.* 2011, p. 3-68).

No último evento, o então presidente da CAPES, Jorge Almeida Guimarães, expôs em seu discurso a necessidade de internacionalização das universidades e de avançar em relação à interdisciplinaridade, destacando que “muitas universidades estrangeiras, por exemplo, não têm nem uma divisão por departamentos, como temos por aqui. Temos que aprofundar na interdisciplinaridade para garantir a internacionalização.” (MORATO, 2014). Essa disposição aparece reafirmada nos documentos da área interdisciplinar da CAPES para a pós-graduação. No último documento da Diretoria de Avaliação desta área, em 2019, verifica-se o avanço ocorrido entre as décadas de 2010 e 2020, não somente em termos do número de propostas submetidas à Câmara (168 em média por ano) como no rigor adotado para a aprovação de um Programa Interdisciplinar (20% de aprovação), conforme Figura 1.

Figura 1 - Evolução do número anual de Cursos/Programas novos aprovados pela CAPES na Área Interdisciplinar.



Fonte: CAPES, 2019, p. 3.

O documento destaca a queda ocorrida a partir de 2015, atribuída à dificuldade em atender às exigências pretendidas pela Câmara. A dificuldade não se faz presente apenas no momento da submissão e acesso do programa, mas também nas avaliações subsequentes. Dos 368 programas interdisciplinares, em 2019, 44% possuem nota 3, o mínimo para permanecerem atuando (CAPES, 2019, p. 9). Mas, o que esses números de fato significam em termos da prática de pesquisa nos programas? Ou, se pensarmos em outra direção, por que é tão difícil um programa superar uma nota 3?

É neste sentido que consideramos como uma hipótese para esse cenário da pós-graduação interdisciplinar brasileira o desafio da pesquisa e da escrita. No fim, é essa escrita que comprovará a interdisciplinaridade pretendida no programa e que engrossará o caldo das publicações qualificadas, a partir das quais os programas são, em parte, avaliados. Tendo isso em mente, propomos uma reflexão sobre: a) noções e características da produção acadêmica interdisciplinar, b) atitude acadêmica interdisciplinar, c) o projeto de pesquisa e o planejamento da escrita interdisciplinar, d) organização e constituição do texto interdisciplinar e, por fim, e) a prática da escrita interdisciplinar e a intersubjetividade.

## **NOÇÕES E CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO ACADÊMICA INTERDISCIPLINAR**

O que caracterizaria uma pesquisa interdisciplinar na pós-graduação? De acordo com o documento de área 45 da CAPES, trata-se de uma “forma de produção do conhecimento que implica trocas teóricas e metodológicas, geração de novos conceitos e metodologias e graus crescentes de intersubjetividade, visando a atender a natureza múltipla de fenômenos complexos.” (CAPES, 2019). Esse tipo de produção, além de promover a convergência de duas ou mais áreas de conhecimento de classes diferentes, exige do pesquisador, antes de mais nada, uma metamorfose.

Em outras palavras, transpondo esse conceito de interdisciplinaridade do documento de área da CAPES para o cotidiano de um programa de pós-graduação, implica considerar a prática de orientação e de escrita. À medida que elas se estabelecem, percebe-se logo que a interdisciplinaridade exige muito mais do que transitar por áreas de conhecimento de classes distintas. Ela deve aflorar, antes de mais

nada, de uma postura; ou seja, a interdisciplinaridade e, por conseguinte, seu registro escrito, não se estabelece a partir do momento que o pesquisador decide fazer uma pesquisa interdisciplinar. Não é uma questão de fazer, mas de ser. Ou seja, ser diferente “diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão.” (FAZENDA, 2011, p. 10). Essa diferença permeia a prática docente, discente e de pesquisa e se ancora em alguns princípios: “humildade, coerência, espera, respeito e desapego” (FAZENDA, 2011, p. 11). Princípios que nem sempre condizem com o ambiente acadêmico, especialmente no tocante à pós-graduação que está permeada pelo rigor, pela competição e pela exigência do cumprimento de prazos. Mas, é neste cenário descompassado que o exercício interdisciplinar deve aflorar, suscitando a ousadia de avançar em áreas pouco exploradas e em trocas intersubjetivas impensáveis no âmbito disciplinar. Em síntese, implica em colocar-se em movimento, em processo, aberto às incertezas e atento a uma nova modalidade de linguagem reflexiva pautada na utilização de metáforas, como veremos mais adiante.

Nesse aspecto a prática interdisciplinar, seja na sua didática ou na pesquisa, propõe uma alteração significativa no foco da produção do conhecimento. “O saber perguntar, próprio de uma atitude interdisciplinar envolve uma arte cuja qualidade extrapola o nível racional do conhecimento.” (FAZENDA, 2011, p. 15). Importa considerar mais a pergunta e a complexidade que ela atinge do que propriamente o processo de pesquisa e a resposta. O que exige planejamento e imaginação, equilibrando a interação com o novo sem destruir o que já está consolidado disciplinarmente. Esse equilíbrio exige um olhar multifocal do fenômeno em estudo e o frequente questionamento do(s) conceito(s) que o abordam e, nesse processo, implica também em investir na lógica da invenção e da descoberta, rompendo a ordem estabelecida (FAZENDA, 2011). Em síntese, todo professor/pesquisador/orientador deve estar ciente que “uma atitude interdisciplinar envolve, pois, um universo de tramas, experiências e pensamentos, que constituem a lógica singular de cada um, sua marca registrada”. (FAZENDA, 2001, p. 24). Esse aspecto torna cada pesquisa e cada orientação únicas. As trocas em grupo servem como exercícios de intersubjetividade para ampliar o olhar do pesquisador.

É dessa postura, que foge do modelo pautado no rigor – na neutralidade e na objetividade – característico da ciência moderna, que emerge um fazer que “mescla métodos e, ao avançar, termina por identificar outros objetos de estudo, acabando, muitas vezes, por tornar-se uma nova disciplina, voltando ao modelo disciplinar”. (BICUDO, 2008, p. 141). Trata-se de uma postura que passa a ser considerada especialmente na transição do século XIX para o século XX e que pretende atender às especificidades e complexidades da sociedade pós-moderna. Um olhar que vai além das articulações entre partes estanques sustentadas por uma verdade científica e que requer uma devida apropriação do objeto considerando sua multiplicidade e complexidade em diálogo estreito com as limitações e incertezas de um pesquisador disposto a descobertas. Tudo isso parece, em certa medida, óbvio para se produzir uma pesquisa interdisciplinar, mas quais atitudes acadêmicas são fundamentais para essa condução? O que é necessário

do ponto de vista prático para se chegar à produção interdisciplinar? De fato, precisamos considerar algumas atitudes para alcançá-la.

## **ATITUDE ACADÊMICA INTERDISCIPLINAR**

De um modo geral, as obras que falam sobre a interdisciplinaridade tendem a uma discussão, na maior parte das vezes, de cunho filosófico. Dentre os autores que tratam dos aspectos mais práticos da produção interdisciplinar destacam-se: Repko, Szostak, Buchberger, Tait, Lyall, Bruce, Meagher e Williams. Do ponto de vista institucional, há algumas entidades internacionais dedicadas ao tema: o *Institute for the Study of Science and Technology and Innovation* (University of Edinburgh) – ISSTI, a *Association for Interdisciplinary Studies – AIS*, a *School of Interdisciplinary Studies* (Miami University) e a *Investigating Interdisciplinary Research Discourse Project* (University of Birmingham). No Brasil, além do grupo liderado pela pedagoga Ivani Fazenda (Grupo de Estudo e Pesquisa em Interdisciplinaridade), citado anteriormente, temos também a Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos (SE&PQ).

São os autores e instituições internacionais que trazem os procedimentos mais práticos para se desenvolver as atitudes acadêmicas interdisciplinares. Nesse sentido, podemos pensar cinco procedimentos: 1) definições de modelos, estratégias e habilidades; 2) a pesquisa e as agências financiadoras; 3) a formação da equipe interdisciplinar e a distribuição das responsabilidades; 4) as estratégias para uma produção e uma carreira interdisciplinar; 5) os fundamentos e os limites da pesquisa interdisciplinar.

## **DEFINIÇÕES DE MODELOS, ESTRATÉGIAS E HABILIDADES**

Para quem pretende investir numa pesquisa interdisciplinar deve ter em mente que além da ousadia, ela requer mais tempo, esforço e imaginação que as pesquisas disciplinares. Por isso, se torna também mais cara. Entretanto, ela é capaz de abarcar objetos complexos e proporciona um resultado holístico. Neste ponto, difere da pesquisa multidisciplinar onde cada disciplina trabalha de modo autônomo e com pouca sinergia. De um modo geral, sua motivação se manifesta a partir da natureza complexa do assunto, da possibilidade de aplicar o conhecimento em uma situação contextualizada, de produzir conhecimento voltado para um dado usuário, de propor pesquisas sobre políticas públicas que envolvam áreas complexas ou, por fim, em situações nas quais a pesquisa disciplinar não tem elementos epistemológicos capazes de contribuir com um dado problema (TAIT *et al.*, 2007).

Dadas essas motivações, o projeto interdisciplinar passa por uma fase preliminar de indefinição, uma vez que é necessário fazer escolhas dentro de um leque das opções de integrações de disciplinas possíveis que aparecem na órbita do tema escolhido. É a partir da delimitação do problema

de pesquisa que se define qual integração é estrategicamente mais relevante e justificável para a proposta do projeto. É importante realçar, mais uma vez, que a interdisciplinaridade não acontece automaticamente só pelo fato de se juntar disciplinas diferentes. É preciso um esforço extra, combinando no caso da pós-graduação a expertise do orientador, do coorientador, do pesquisador e das disciplinas integradas pertinentes ao projeto. Essa combinação requer um refinamento em termos de linguagem da equipe que dará prosseguimento à pesquisa. Em alguns casos é necessária uma “tradução” para se chegar a um entendimento comum.

Pode parecer exagerado, mas basta pensar no que pode acontecer numa reunião de orientação com um orientador com formação em história, um coorientador com formação em sistema de informação e um orientando com formação em psicologia discutindo sobre termo memória. O que cada um entende ao ouvir o termo diverge consideravelmente do outro. Nos casos em que o projeto de pesquisa envolve um número maior de pesquisadores, esse cuidado se torna ainda mais pertinente. Por isso, é preciso um esforço de “tradução” e de entendimento para se constituir uma base comum. Esse procedimento exige cuidado em relação às divergências quanto à visão de mundo de cada membro da equipe reunida e exige também uma estrutura institucional que acolha e estimule as trocas intersubjetivas necessárias a uma pesquisa interdisciplinar.

Dessa forma, a integração das disciplinas passa pelo contato pessoal/intelectual ou, se quisermos, pela intersubjetividade. Em outras palavras, entra neste jogo a personalidade dos pesquisadores e suas habilidades: flexibilidade, adaptabilidade, criatividade, curiosidade e comunicabilidade (TAIT, *et al.* 2007). Se, na reunião citada acima, um dos participantes não apresentar habilidade para ouvir ou não tiver uma mente aberta para experiências oriundas de outras disciplinas, se tornará quase impossível construir pontes capazes superar as ambiguidades que emergirão desse encontro. Sem a tolerância de todos os envolvidos, o projeto corre sério risco de ter uma delimitação precoce, sem a exploração adequada de suas várias dimensões.

Assim, quanto maior o conhecimento disciplinar, melhor cada um poderá exercer e compreender a “tradução”, colaborando para o aprimoramento dos termos centrais que envolvem o tema da pesquisa, permitindo que a expertise de sua área de formação contribua na medida adequada para a interdisciplinaridade proposta. Superado esse primeiro momento de integração, cabe justificar porque a abordagem interdisciplinar é necessária e os motivos que levaram a seleção de uma dada integração de disciplinas, como essa integração ocorrerá e quais potencialidades trarão para o projeto (TAIT *et al.* 2007.).

## **A PESQUISA, SUA JUSTIFICATIVA E AS AGÊNCIAS FINANCIADORAS**

A justificativa da abordagem interdisciplinar é um dos elementos essenciais para evitar mal-entendidos junto às agências de fomento. De um modo geral, no Brasil e, em certa medida, no

âmbito internacional também, as agências de fomento tendem a alocar fundos de financiamento para pesquisas disciplinares. Por isso, é muito importante uma boa justificativa, deixando claro qual modelo de pesquisa interdisciplinar está sendo proposta. Neste aspecto temos dois tipos de pesquisa: aquela do tipo academicamente orientada, que aproveita expertises de disciplinas e/ou áreas já consolidadas, como por exemplo, bioinformática ou sociologia médica; ou aquela do tipo focada no problema, considerando temas de relevância social. As agências tendem a financiar as pesquisas interdisciplinares de áreas já consolidadas. Por isso, quando a pesquisa for de relevância social, exige-se uma explanação mais convincente e consistente (TAIT *et al.*2007).

Diferentemente das propostas disciplinares, os projetos interdisciplinares devem demonstrar sinergia entre os métodos e as disciplinas, apresentar flexibilidade na sua condução, tanto no tocante aos procedimentos quanto no cronograma; o que exige uma postura reflexiva de toda a equipe. Essa primeira fase exploratória dos projetos interdisciplinares, por vezes, pode gerar uma má impressão para os avaliadores disciplinares que compõem os quadros das agências de fomento, dificultando o financiamento. Soma-se a essa característica flexível da fase exploratória o fato de que tais projetos podem estar ancorados a departamento nada tradicionais, com uma equipe heterogênea.

Levando-se em consideração todas essas dificuldades é importante reafirmar a pertinência de alguns aspectos que podem fazer diferença na aprovação de um projeto interdisciplinar: definir com clareza a necessidade da abordagem interdisciplinar e quais disciplinas estarão envolvidas; descrever como as disciplinas escolhidas serão integradas; esclarecer o papel do coordenador do projeto para alcançar os resultados esperados; indicar as habilidades e experiências de cada pesquisador envolvido na pesquisa; elaborar um plano para envolvimento das partes interessadas na pesquisa; apresentar uma proposta de orçamento; demonstrar como a interdisciplinaridade estará presente tanto nos passos iniciais do projeto quanto nos resultados (TAIT *et al.*, 2007). Por isso, torna-se tão importante a formação da equipe.

## **A FORMAÇÃO DA EQUIPE INTERDISCIPLINAR E A DISTRIBUIÇÃO DAS RESPONSABILIDADES**

A pesquisa interdisciplinar, como já indicado anteriormente, exige intersubjetividade. Por isso, a seleção de colaboradores é um passo central e envolve a capacidade de estabelecer contatos tanto intra-institucional como interinstitucional, especialmente através de eventos acadêmicos e recomendações pessoais de colegas acadêmicos confiáveis. Os colaboradores devem apresentar gosto pela novidade e disposição em aprender e saber mais sobre outras disciplinas. Cada colaborador deve apresentar uma base sólida disciplinar e respeito pelas demais disciplinas; além de habilidades para trabalhar em equipe e ser proativo. Caberá ao coordenador da pesquisa organizar as tarefas, os encontros da equipe e promover um trabalho de campo compartilhado. Entretanto, dentre todas as tarefas, a mais

exigente é, sem dúvida, a escrita conjunta. Ela pressupõe a superação de todos os atritos epistemológicos, teóricos, metodológicos, estilísticos e pessoais. (LYALL; MEAGHER, 2007, v. 3).

### **As estratégias para uma produção e uma carreira interdisciplinar**

Além da superação dos atritos indicados no item anterior, as publicações devem estar definidas e planejadas antecipadamente, articulando de modo adequado os membros da equipe e suas expertises. Há, por assim dizer, inúmeras barreiras que deverão ser rompidas, em especial aqueles referentes ao plano de carreira do pesquisador, as estruturas departamentais e os sistemas administrativos que regem a vida acadêmica nas universidades brasileiras. Por isso, é preciso pensar na carreira do pesquisador interdisciplinar no longo prazo, de modo que ele possa desenvolver sua expertise e acessar os recursos das estruturas institucionais. Em outras palavras, produzir pesquisa interdisciplinar não implica em abandono da área disciplinar; muito pelo contrário, quanto maior a capacidade disciplinar, melhor a colaboração numa equipe interdisciplinar. Nesse sentido, a estrutura institucional deve promover editais específicos e acolher pesquisadores que tenham o perfil interdisciplinar, entendendo que sua carreira difere das demais, visto que esse tipo de pesquisa tem maior dificuldade de publicação e de fomento. Dessa forma, o pesquisador deve pensar no curto prazo no quanto um determinado projeto interdisciplinar contribuirá para sua carreira, a médio prazo nos resultados, nas publicações e coautorias que incrementarão seu currículo; e, a longo prazo, na constituição de um campo de pesquisa com várias publicações, considerando a formação de uma rede (LYALL; WILLIAMS, 2007, v. 7; LYALL; MEAGER, 2007, v. 5).

### **Os fundamentos e os limites da pesquisa interdisciplinar**

Se, para o pesquisador mais experiente a prática interdisciplinar implica em inúmeras superações, para os pós-graduandos, sair de uma formação disciplinar para uma perspectiva mais ampla, exige esforço redobrado. Os processos de orientação e supervisão tornam-se desafiadores para todos: orientadores, coorientadores e orientandos. Trata-se sempre de uma pesquisa complexa, cujo objeto exige uma colaboração de disciplinas específicas, com leituras e autores que, em geral, sempre variam para cada orientação. Assim, todos os envolvidos precisam ter a mente aberta, atentarem para as diferenças epistemológicas das disciplinas que colaboram na pesquisa e estarem preparados para questionarem seus próprios pressupostos e preconceitos disciplinares (LYALL; MEAGHER, 2007, v. 4). A condução da pesquisa deve se pautar por uma das teorias dos Estudos Interdisciplinares: Teoria da Complexidade Interdisciplinar, Teoria da Tomada em Perspectiva, Teoria da Base Comum e a Teoria da Integração (REPKO; SZOSTAK; BUCHEBERGER, 2014, p. 125-133).



Essas teorias, embora pouco divulgadas no meio acadêmico brasileiro, fornecem perspectivas teóricas para uma abordagem interdisciplinar. A Teoria da Complexidade Interdisciplinar é indicada quando se pretende trabalhar um objeto multifacetado cujas partes interagem uma com as outras de modo sistêmico não linear. Essas características justificam o uso dessa teoria uma vez que uma única disciplina não é capaz de dar conta do estudo pretendido e torna-se necessário integrar disciplinas relevantes para a compreensão do fenômeno no seu todo. Em síntese, a epistemologia da complexidade exige uma metodologia abrangente e um olhar sistêmico do fenômeno, rompendo com uma perspectiva reducionista proporcionada pela disciplinaridade. Um dos autores de referência desta teoria é William Newell que partiu da teoria de sistemas oriundo das ciências naturais. Ao longo das duas últimas décadas sua proposta tem sido debatida e continua sendo um suporte teórico valioso para os pesquisadores interdisciplinares (NEWELL, 2001).

De um modo distinto, a Teoria da Tomada em Perspectiva, desenvolvida pela Psicologia Cognitiva, busca analisar um determinado problema de pesquisa considerando a perspectiva de algumas disciplinas intrinsecamente implicadas no fenômeno (GALINSKY; MOSKOWITZ, 2000). De certa forma, essa teoria contribui para evitar certos estereótipos, permite avaliar a questão de pesquisa em perspectivas diversas, conforme as disciplinas envolvidas, abrindo espaço para outras compreensões e fugindo daquelas já familiarizadas, aprofundando sobre o objeto pesquisado. Após o levantamento das perspectivas, o salto interdisciplinar se completa com uma reflexão sobre as diferenças e similaridades que cada disciplina apresenta de um determinado fenômeno, produzindo uma “perspectiva compreensiva”.

A Teoria da Base Comum, oriunda da Psicolinguística proposta por Herbert Clark, na década de 1990, teve como fundamento a noção de “terreno comum” do filósofo Robert Stalnaker, em fins dos anos 1970. A “Base Comum” seria o conhecimento, as crenças e as suposições que cada indivíduo estabelece para interagir com outra pessoa de configuração cultural diferente e ser compreendido. Essa perspectiva pode ser adotada para trabalhos interdisciplinares ao se considerar que as áreas de conhecimentos constituem um conjunto de valores, conceitos, teorias e princípios próprios e que para estabelecerem um diálogo com outra área, com uma constituição diferente, precisam estabelecer uma base comum. Entretanto, essa base comum necessita de uma linguagem adequada, em sentido amplo, visto que vai muito além de aspectos meramente linguísticos. Implica, em boa parte, uma comunicação que se constitui de elementos verbais e não verbais. Em termos de uma atividade interdisciplinar de grupo, as pessoas buscam a solução do problema de pesquisa levantado de forma conjunta, colaborativa e em comum acordo, a partir de uma intersubjetividade e do que se convencionou com base nela (CLARK; BRENNAN, 1991; TEMITOPE, 2015). Num estudo interdisciplinar com a Teoria da Base Comum deve-se criar uma base que se torna uma convenção entre o grupo integrando aportes, pressupostos, conceitos e teorias disciplinares aceitos por todos. Essa convenção, em geral,

produz uma metáfora que abarca uma nova compreensão do problema (REPKO; SZOSTAK; BUCHBERGER, 2014, p. 125-133).

A Teoria da Integração exige um procedimento cognitivo de avaliação dos aportes disciplinares buscando integrar conceitos, pressupostos e teorias em conflito (REPKO; SZOSTAK, 2017). A proposta de William Newell, de certa forma, se constitui de uma sequência de procedimentos: identificar, esclarecer e avaliar as percepções disciplinares em conflito, construir uma base comum, identificar as conexões disciplinares existentes, construir uma metáfora de compreensão mais abrangente e, por fim, testar essa nova compreensão na resolução do problema de pesquisa levantado (NEWELL, 2006). Essa teoria tem sido considerada pela *Association for Interdisciplinary Studies* (em atividade fins dos anos 1970) e contempla procedimentos das teorias anteriores (ASSOCIATION, 2020). A Teoria da Integração, publicada em 2001, por Newell, tem origem na Teoria dos Sistemas e implica em pensar um objeto complexo considerando suas conexões não lineares e dinâmicas (WELCH, 2018). Tendo em vista as críticas sofridas, Newell passou a utilizar as versões mais atualizadas da teoria adotada, considerando padrões holísticos a partir das diversas interações humanas e de suas estruturas e padrões sociais, vislumbrando de modo mais adequado tanto os fenômenos sociais e culturais, quanto aqueles de ordem mais material, rompendo as fronteiras disciplinares estabelecidas academicamente. Evidentemente que as teorias expostas acima não são as únicas a darem conta de uma pesquisa interdisciplinar, mas são aquelas que têm sido mais utilizadas nas últimas décadas.

Enfim, a prática da interdisciplinaridade vai muito além de um padrão ou um modelo de pesquisa. É muito mais do que aproximar ou juntar disciplinas. É, antes de mais nada, uma visão de mundo ou, se quisermos, de acordo com Ivani Fazenda, trata-se de um modo de vida e uma concepção atitudinal que exige do pesquisador a disposição de envolver-se numa busca complexa, sem trilhas pavimentadas para percorrer (MOZENA; OSTERMANN, 2017). Do ponto de vista mais prático, os desafios da orientação de mestrandos e doutorandos implica em administrar alguns desafios quanto ao escopo e o foco dado à pesquisa, ao plano de trabalho a ser definido (frequência de encontros, encontros envolvendo orientador e coorientador, encontros individuais com o orientando), os eventos da área interdisciplinar que poderão ajudar na descoberta de redes de pesquisa voltadas para o tema e a condução de uma carreira que se inicia a partir da interdisciplinaridade (LYALL; MEAGHER, 2008, v. 5). Entretanto, talvez o maior de todos os desafios para os jovens pesquisadores que adentram ao mundo da interdisciplinaridade seja, de fato, estruturar o projeto e iniciar o processo da escrita.

## **O PROJETO DE PESQUISA E O PLANEJAMENTO DA ESCRITA INTERDISCIPLINAR NUMA PERSPECTIVA QUALITATIVA E INTEGRADA**

É neste ponto que começam algumas dificuldades da pesquisa interdisciplinar, na estruturação do projeto e na escrita. O problema se torna ainda maior quando esse processo complexo

de pesquisa e de produção de um texto interdisciplinar se ergue diante de jovens pesquisadores recém-saídos da graduação, muitos dos quais sem qualquer tipo de experiência interdisciplinar em suas áreas de formação. Em geral, cabe aos orientadores e professores a tarefa de tornar recém-mestrandos em pesquisadores interdisciplinares. Mas, como? O que fazer? Por onde começar?

Primeiramente, não se pode perder de vista que a pesquisa interdisciplinar deve ser uma escolha deliberada e que a mesma se constitui enquanto processo heurístico, ou seja, está pautada na busca e na descoberta e não de modo restrito em responder a uma pergunta. Além disso, ela se apresenta como uma atividade interativa e não linear, parecendo muitas vezes fluida e até mesmo bagunçada aos olhos de pesquisadores disciplinares. Mas, é sempre reflexiva e, ao contrário do que aparenta, demanda autoconsciência e certa dose de disciplina do pesquisador, tanto nos procedimentos que definirão o projeto de pesquisa quanto na elaboração do texto final e dos artigos que serão encaminhados para a publicação. No caso dos procedimentos do projeto de pesquisa com uma perspectiva qualitativa e integradora temos alguns passos determinantes (REPKO; SZOSTAK; BUCHEBERGER, 2014; REPKO; SZOSTAK, 2017).

Em primeiro lugar, devemos ter em mente que o jovem mestrando, em muitos casos, não possui um conhecimento razoável sobre o objeto de estudo proposto. Neste caso, deve-se proceder a um levantamento bibliográfico preliminar para que ele obtenha informações suficientes para propor um problema provisório, mesmo que ainda incipiente. Neste ponto, nosso jovem pesquisador ainda está com uma perspectiva disciplinar e, por conseguinte, irá elaborar um problema também disciplinar que ele justificará e contextualizará. Esse levantamento preliminar tem um papel importante no sentido não só de trazer um panorama mais claro do tema, ajudando na identificação e delimitação do objeto de pesquisa, como também amplia a capacidade de leitura e estabelece as práticas de organização do material de pesquisa (anotações, fichamentos, planilhas, etc.). Muitas vezes, esses fundamentos da pesquisa não foram treinados ao longo do trabalho de conclusão da graduação – em especial naquelas áreas de formação mais técnica –, a partir do que se supõe que o graduando aprenda a ler, escrever e argumentar dentro do âmbito da sua disciplina. Em termos da evolução da linguagem das disciplinas, é sobejamente conhecido que cada disciplina vai desenvolvendo o seu “dialeto” que facilita o diálogo interno mais que com o tempo pode se tornar um processo de hermetismo.

De forma ampla, os manuais de pesquisa interdisciplinar consideram como primeira etapa do projeto a elaboração do problema de pesquisa, sem passar pelo levantamento bibliográfico preliminar. Para muitos mestrandos o procedimento do levantamento do problema ganha ares de tortura e, na maioria dos casos, é comum a flutuação entre várias ideias e até a troca do tema (e, por vezes, de orientador) de pesquisa nesta etapa. A figura do orientador é importante para conduzir o mestrando nesta primeira proposta, ainda que preliminar. Nesse aspecto, o problema deve partir de seu interesse disciplinar e até mesmo profissional, considerando-se sua carreira e inserção posterior no mercado de trabalho. Neste

sentido, o orientador não deve “pegar o orientando no colo”, mas caminhar com ele, afinal, cada dissertação ou tese interdisciplinar é original também para o orientador.

O mestrando deve evoluir no sentido de ter clareza quanto à possibilidade de pesquisa do problema levantado (é pesquisável neste programa de mestrado?), qual o foco/escopo (definir parâmetros) e qual a sua complexidade (REPKO; SZOSTAK; BUCHEBERGER, 2014). A escrita, muitas vezes, se torna difícil. O mestrando consegue expressar verbalmente, com longas explicações, o que quer pesquisar, mas nem sempre consegue traduzir em uma frase escrita e bem composta a sua proposta. É bom que ele fale com o orientador e tenha possibilidade de apresentar em outros âmbitos a sua proposta. O processo de verbalização não é apenas um processo de informação, mas também de tomada de consciência do que o estudante está pensando e também o que não está ainda no horizonte de sua reflexão.

Além de dar consistência ao problema de pesquisa, o processo de levantamento bibliográfico preliminar fornecerá um panorama, mesmo que ainda restrito, das disciplinas mais relevantes que tratam do tema escolhido (REPKO; SZOSTAK; BUCHEBERGER, 2014). O levantamento pode ser feito a partir de um site de busca confiável e o mestrando deve ficar atento às palavras-chave que utilizar. A princípio deve-se partir do objeto, numa busca mais ampla. O resultado dará um panorama das disciplinas que pesquisam o objeto escolhido. A tendência do mestrando é descartar todos os trabalhos que lhe escapam ao olhar ainda disciplinar e é muito comum se ouvir relatos do tipo: fiz a pesquisa, mas não achei quase nada... Apareceram 45 artigos, mas desses só três falavam o sobre o meu objeto! É fundamental que ele perceba que outras disciplinas (e até áreas) falaram do seu tema ou do seu objeto de modo distinto. Neste ponto, ele precisa ter uma noção clara de como organizar esse momento preliminar, colocando esses 45 artigos encontrados, por exemplo, numa planilha (ou tabela), considerando alguns dados essenciais: autor, área/disciplina, instituição de vínculo, título do artigo, enfoque, metodologia, aporte teórico. A partir dessa planilha, o mestrando poderá decantar aquelas disciplinas que são mais relevantes e, de posse de um problema preliminar, iniciar uma revisão bibliográfica apropriada à pesquisa qualitativa (narrativa ou integrativa), considerando outros sites de busca relevantes, avaliando a pertinência das palavras chaves utilizadas no exercício preliminar, reproduzindo os procedimentos de busca, organizando as informações e aprofundando na pesquisa. Caso o estudante domine línguas estrangeiras, a busca por publicações em outras línguas poderá ser um grande achado.

Feita a busca, o passo seguinte é a elaboração de uma revisão bibliográfica (narrativa ou integrativa), seguindo seus procedimentos e etapas, incorporando a produção das principais disciplinas que tratam o tema. Vários mestrandos demonstram uma enorme dificuldade na escrita da revisão bibliográfica e precisam de várias reescritas até chegarem a um texto aceitável. A condução do orientador deve ser no sentido de retirar o mestrando da simples constatação do que cada autor diz em seu estudo e

levá-lo a situar os autores quanto aos aspectos teóricos, conceituais e metodológicos, vislumbrando a multidimensionalidade do objeto de estudo.

O último passo, ainda na fase disciplinar, é analisar o problema provisório na perspectiva de cada disciplina relevante levantada na revisão bibliográfica. Esse movimento vai permitir ao pesquisador integrar algumas percepções (*insights*), identificar outras abordagens e dar um salto qualitativo em sua proposta em direção à interdisciplinaridade, visto que terá condições agora de rever seu problema provisório, tornando-o mais apropriado a um objeto complexo ((REPKO; SZOSTAK; BUCHEBERGER, 2014). Essa integração possibilitará identificar os conflitos na percepção do objeto e nas fontes utilizadas para acessá-lo em diferentes disciplinas. Ao refletir sobre esses conflitos, o pesquisador encontrará alguns consensos (base comum), consolidando a integração de conceitos, pressupostos, teorias e métodos, permitindo testar a viabilidade do problema de pesquisa levantado. Cabe realçar que, dependendo da complexidade do objeto de estudo, o mesmo poderá apresentar um leque maior de disciplinas ou menor. Caberá ao mestrando e seu orientador ponderar quais delas serão essenciais na integração capaz de responder ao problema de pesquisa. Um procedimento interessante neste ponto é “testar o problema de pesquisa” na ótica de cada disciplina que participa da integração. Obviamente, estamos considerando que as etapas possuem flexibilidade e que, na maioria dos casos, o processo não se estabelece de forma linear, sendo necessários retornos contínuos, fazendo os ajustes necessários. O importante é que o pesquisador estabeleça seu próprio percurso de pesquisa para sair de uma perspectiva disciplinar para uma interdisciplinar.

É fundamental que o mestrando escreva adequadamente a pertinência da abordagem interdisciplinar proposta, detalhando todo o processo e esclarecendo os critérios de escolha das disciplinas que serão consideradas na integração definida para a pesquisa. Essa justificativa é relevante, pois indica quais disciplinas ou áreas de conhecimento conduzirão um aprofundamento da revisão bibliográfica. É comum ocorrer uma retomada da revisão bibliográfica neste ponto, visto que nos passos anteriores o mestrando ainda não tinha clareza das áreas, disciplinas e subdisciplinas que seriam integradas. Neste aprofundamento devem ser considerados os pressupostos de cada disciplina, as fontes utilizadas, a fundamentação teórica e as abordagens de análise. A interdisciplinaridade poderá ocorrer no âmbito teórico, metodológico ou epistemológico.

Para facilitar o acompanhamento desses procedimentos de aprofundamento e facilitar a reescrita da revisão bibliográfica e, em alguns casos, do refinamento do problema de pesquisa, o mestrando poderá utilizar uma tabela para indicar em cada bibliografia consultada os seguintes itens: elementos argumentativos, conceitos/termos/teorias chave, *insights* disciplinares, fontes relevantes e questões pertinentes. Depois, pode-se estabelecer um campo para refletir sobre uma base comum e as áreas de conflito entre as disciplinas. Após essas anotações deve-se ponderar sobre como cada disciplina lida com o fenômeno em estudo (objeto), com quais pressupostos, qual epistemologia, quais conceitos, teorias e métodos. Uma vez estabelecida uma base comum a partir das percepções disciplinares, o

mestrando estará apto a pensar numa metáfora para abordar seu objeto, aspecto que detalharemos no próximo item. Por fim, caberá produzir uma compreensão interdisciplinar do problema levantado, sem perder de vista que o mesmo deverá ser testado.

## **ORGANIZAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO TEXTO INTERDISCIPLINAR: A PERTINÊNCIA DA METÁFORA ADEQUADA**

As experiências de pesquisas interdisciplinares revelam algumas dificuldades, dentre as quais, a de compor uma metáfora capaz de abarcar o objeto de estudo e responder ao problema de pesquisa proposto. Obviamente, falar de metáfora não é algo novo. Vários filósofos já refletiram sobre elas. O fato é que, diante de um objeto de estudo, todo pesquisador parte de uma primeira leitura, isto é, a passagem de uma sensação à percepção consciente; posteriormente, a constituição de um objeto e de suas mediações; ou, quem sabe, a passagem de um sentido para uma significação.

Como primeiro passo, acolhamos inicialmente, o pensamento, ainda que datado histórica e epistemologicamente, de Georges Lakoff e Mark Johnsen. Até hoje seus estudos marcam época em termos de metáfora, especialmente enquanto recurso conceitual. Uma conclusão marcante dos autores é a de que “a metáfora impregna a vida cotidiana, não somente a linguagem, mas também o pensamento e a ação. Nossos sistemas conceituais normais, através do qual pensamos e agimos, são fundamentalmente de natureza metafórica” (LALOFF; JOHNSEN, 1995, p. 39). O contexto da reflexão e contribuição de Lakoff e Johnsen não é anódino. A ciência em geral, especialmente no último século, teve que lidar com a linguagem mais adequada para a representação dos conhecimentos de seus objetos de estudo, sob o risco de entrar num processo de isolamento e hermetismo. Além do mais, contamos com uma vasta literatura que lança mão de novos recursos – mais especificamente, de estilos narrativos – para dar conta de temas complexos e mesmo multimodais. Com isto, torna-se evidente que os instrumentais de nossos meios acadêmicos quando lineares e esquemáticos não são mais adequados, notadamente quando lidam com objetos complexos e suas relações dinâmicas.

Qualquer que seja o diálogo interdisciplinar este terá que levar em conta não somente a constituição do objeto de estudo de cada uma das disciplinas – e mesmo a evolução desta constituição ao longo do tempo – mas também as metáforas que os diversos campos de conhecimento usam para buscar compreender seus objetos. Ainda que nem sempre seja feito, tem grande valor compreender a história e as formas das metáforas que o nosso próprio campo de saber lidou ao longo do tempo, as crises porque passou, seus motivos e como está atualmente.

Em termos da busca de uma nova linguagem, Dan McAdams considerou a logicidade com a qual as pessoas falam, significam e organizam suas vidas. Essa mesma logicidade também existe em nossos campos de saber. É o que talvez Roland Barthes chamaria, mais apropriadamente, de mitos ou discursos míticos e que Vico chamou de discursos mitológicos em contraposição aos silogísticos.

Estes estilos ou gêneros são flexíveis e trazem em sua tessitura, espaços para falar de dimensões que muitas vezes nossos modelos rígidos não comportam (MACADAMS, 1994; BARTHES, 2001). É claro que, muitas vezes, atrás de nossos estilos estão preocupações de comunicação: informamos algo de tal modo que o leitor, presumido, compreenda o mesmo que estamos querendo dizer. Portanto, assim como temos padrões para contar nossas vidas, as diversas disciplinas ou áreas do conhecimento vão desenvolver padrões para apresentar o resultado de suas pesquisas. Isto aparece muito claro nos periódicos das diversas áreas não só em sua terminologia técnica hermética, mas também quanto ao seu estilo característico.

Está posto, nestes termos, um grande desafio: em tese, todas as áreas de conhecimentos (e suas disciplinas) podem lidar com os instrumentos que quiserem. Mas, seria possível transfigurar a linguagem da química para modelos diversos do que estamos acostumados a usar, por exemplo, na forma de contos de fada? De todo modo, tal transfiguração não seria neutra. Um exemplo disto são os comentários do futebol que usam como metáfora (ou jogo de linguagem) o combate militar. Com isto, a partida é sempre uma luta; um chute forte é um tiro; levar mais gols que o adversário é ser derrotado e assim por diante. A torcida não vai ao estádio para assistir um jogo, vai para a luta, e por isso, o outro torcedor, não raro é encarado como um inimigo. Como seria o comportamento de todos os envolvidos se a metáfora fosse outra? Na Copa do Mundo de 1982, tínhamos uma outra metáfora para o futebol. A Seleção Brasileira encarnava o futebol arte. A torcida comparecia nos estádios para assistir a um espetáculo. O fracasso na Copa gerou uma alteração na metáfora: saímos da arte para a força/guerra.

Retomando a ideia da dificuldade de mudança de metáforas podemos considerar que as crises da ciência – e em tese pelo menos, de todos os sistemas de conhecimento – e a sustentação de paradigmas de que falava Thomas Kuhn já nos anos 1960, não são outra coisa que crises ou lutas contra ou a favor de metáforas (KUHN, 2003). Enfim, se queremos fazer com que as diversas áreas do conhecimento dialoguem então um dos primeiros passos, certamente, é o questionamento de nossas metáforas, ou seja, a nossa linguagem, ou melhor ainda, os nossos processos comunicativos. Nesse sentido, pode ser um bom começo identificar o objeto de cada área de conhecimento ou disciplina envolvida na integração interdisciplinar, refletir sobre como esse objeto é comunicado e enumerar as dez palavras mais importante. Esse exercício fornecerá elementos para identificar as metáforas de cada área e dará condições para o mestrando integrá-las numa nova metáfora a ser utilizada em sua pesquisa.

## **A PRÁTICA DA ESCRITA INTERDISCIPLINAR E A INTERSUBJETIVIDADE: A PRODUÇÃO DE ARTIGOS**

Produzir um artigo interdisciplinar exige que o pesquisador adote algumas convenções. O ponto de partida é justificar de modo consistente o uso de uma abordagem interdisciplinar. Por isso, o primeiro passo é ser bem didático quanto ao esclarecimento a respeito da novidade da pesquisa e que ela

traz uma contribuição que pode interessar ao leitor disciplinar. Em outras palavras, é sempre bom apresentar a relevância do estudo e articulá-la aos impactos sociais e sua aplicabilidade. De preferência coloque essa articulação no resumo do artigo.<sup>2</sup>

A introdução de um artigo interdisciplinar costuma ser mais longa em virtude da necessidade de detalhar melhor para o leitor o assunto tratado e a abordagem escolhida. Em muitos casos o leitor disciplinar está pouco familiarizado com abordagens de outras áreas. Portanto, é importante situar a pesquisa, mostrando como ela se relaciona com aquelas do campo disciplinar. Para fazer essa conexão pode-se adotar a estratégia de citar artigos já publicados pela revista, inserindo-os na revisão bibliográfica. Quanto aos objetivos, é importante deixar claro o que foi feito. Por fim, é fundamental explicar os conceitos utilizados e como o texto foi organizado, sinalizando claramente a sequência adotada para apresentar a pesquisa e a condução da discussão proposta. Cabe realçar que, em certas revistas disciplinares, há certos padrões típicos de organização do artigo (introdução, métodos, resultado, discussão), o que difere de revistas interdisciplinares que costumam acolher formatos diversificados. Entretanto, independente do padrão a ser adotado é fundamental explicar os conceitos utilizados e sua adoção a partir de uma perspectiva interdisciplinar, transpondo ou traduzindo determinados termos. Por fim, a linguagem utilizada deve ser acessível a um público amplo e é sempre bom contar com um leitor de fora da pesquisa para uma leitura crítica antes da submissão; assim, é possível ter uma noção mais clara se o texto fornece informações suficientes, se foi explícito e definiu adequadamente os conceitos.

Assim, de modo bem objetivo, o pesquisador pode compor um check list com elementos essenciais para um artigo interdisciplinar: detalhamento das razões do uso de uma abordagem interdisciplinar, listagem das disciplinas envolvidas e a perspectiva de cada uma delas sobre o tema escolhido, apresentação da tese/hipótese da pesquisa, o delineamento da argumentação, apresentar uma bibliografia consistente e, na conclusão, demonstrar claramente uma resposta integradora que leve em consideração a pesquisa disciplinar, mas lance um novo ponto de vista e proponha inovações na abordagem de um tema complexo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A criação de um comitê interdisciplinar na CAPES não foi sem causa. Cada vez mais, as inúmeras (sub)especializações das disciplinas tornaram até o ambiente disciplinar confuso e com isso o diálogo entre as disciplinas ficou complexo e às vezes beira o impossível. Em vista disto, a pesquisa interdisciplinar além de possibilitar as pontes entre as diversas disciplinas, tem em vista a formação de um novo tipo de pesquisador.

---

<sup>2</sup> Sites úteis: DEBBY ELLIS WRITING CENTER. Interdisciplinary writing. Outro site é o da Universidade de Birmingham: Investigating interdisciplinary research discourse project. Understanding the needs of your multidisciplinary audience. Preparing to write for an interdisciplinary journal. Publishing campus.



Dados os desafios tratados em cada etapa da pesquisa interdisciplinar e considerando mais de perto as especificidades da sua escrita há que se considerar um tanto quanto fora de propósito que ela seja avaliada com os mesmos critérios de tempo e produção que as pesquisas disciplinares. Além disso, cada processo de elaboração de uma tese ou dissertação é um projeto único, tanto para o estudante como para o orientador, o que implica em um número de orientando diverso do modelo disciplinar. O mesmo se pode dizer no tocante aos periódicos e agências de financiamento composto por comitês avaliadores disciplinares, dificultando tanto o desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares quanto a sua publicação.

Por fim, a própria estrutura administrativa universitária na maioria das vezes desconsidera esses desafios e caminha a passos lentos no entendimento que os prazos e a dedicação da pesquisa interdisciplinar são outros e que os ritmos de orientação e publicação do corpo docente e discente não seguem a mesma lógica da pesquisa disciplinar. Nesse descompasso, que parte da própria CAPES, a maioria das instituições que propõem pós-graduação *stricto sensu* interdisciplinar deixa de apostar na inovação e acabam reforçando avanços disciplinares.

Entretanto, apesar das dificuldades, a abordagem interdisciplinar veio para ficar, apesar de ter ainda um longo caminho à frente. A interdisciplinaridade é a possibilidade desafiadora de inovar, rompendo o hermetismo disciplinar e a postura de se saber cada vez mais sobre o que já se sabe. Trata-se de questionar o que se sabe. Contudo, levar adiante este aspecto requer as qualidades apresentadas por Fazenda: humildade, coerência, espera, respeito e desapego. Mas além disso, aspectos psicológicos não podem ser descartados: receio ante o desconhecido, medo de fracasso, coragem e capacidade inovadora frente aos dilemas contemporâneos.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, A. T. de.; PHILLIPPI Jr., A. SOMMERMAN, A.; ALVAREZ, A. M. de S.; FERNANDES, V. Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. *In*: PHILLIPPI Jr. Arlindo; SILVA, Antônio J. (Ed.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri: Monole, 2011. p. 3-68.

[ASSOCIATION for Interdisciplinary Studies](https://interdisciplinary-studies.org/). Disponível em: <https://interdisciplinary-studies.org/>  
Acesso em: 29 dez. 2020.

BARTHES, R. **Mitologias**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, [1958] 2001.

BICUDO, M. A. V. A pesquisa interdisciplinar: uma possibilidade de construção do trabalho científico/acadêmico. **Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 137-150, 2008.

CAPES – Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior. **Requisitos para a apresentação de propostas de cursos novos (APCN)**. Área 45: Interdisciplinar. Brasília: CAPES, 2019. Disponível em: [https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/avaliacao/orientador\\_apcn\\_Interdisciplinar.pdf](https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/avaliacao/orientador_apcn_Interdisciplinar.pdf) Acesso em: 29 dez. 2020.

CLARK, H. H.; BRENNAN, S. E. Grounding in Communication. *In*: RESNICK, L.B.; TEASLEY, J.S.D.(Ed.), **Perspectives on Socially shared Cognition**. Washington: American Psychological Association, 1991.

FAZENDA, I. C. A. Desafios e perspectivas do trabalho interdisciplinar no Ensino Fundamental: contribuições das pesquisas sobre interdisciplinaridade no Brasil: o reconhecimento de um percurso. **Interdisciplinaridade**, São Paulo, v.1, n. 1, p. 10-23, out. 2011.

FAZENDA, Ivani (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001.

GALINSKY, A. D.; MOSKOWITZ, G. B. Perspective taking: decreasing stereotype expression stereotype accessibility, and in-group favoritism. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 78, n. 4, p. 708-724, 2000.

GEPI – Grupo de estudos e pesquisa em interdisciplinaridade. Disponível em: <https://www5.pucsp.br/gepi/> Acesso em: 29 dez. 2020.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. 8. ed., São Paulo: Perspectiva, [1962] 2003.

LAKOFF, G.; JOHNSEN, M. **Metáforas de la vida cotidiana**. Madrid: Teorema, [1980] 1995.

LYALL, C.; MEAGHER, L. **Short guide to developing interdisciplinary research proposals**. Edinburgh: ISSTI, Institute for the Study of Science and Techonology and Innovation. 2007, v. 3.

LYALL,C.; MEAGHER, L. **Short guide to developing interdisciplinary research proposals**. Edinburgh: ISSTI, Institute for the Study of Science and Techonology and Innovation, 2007, v, 5.

LYALL, C.; MEAGHER, L. **Short guide to developing interdisciplinary research proposals**. Edinburgh: ISSTI, Institute for the Study of Science and Techonology and Innovation, 2007, v. 4.

LYALL, C.; WILLIAMS, L. **Short guide to developing interdisciplinary research proposals**. Edinburgh: ISSTI, Institute for the Study of Science and Techonology and Innovation, 2007, v .7.

McADAMS, D. **The stories we live by**. Personal myths and the making of the self. New York: The Guilford Press, 1993.

MORATO, Natalia. Encontro debate a questão da interdisciplinaridade nas universidades brasileiras. **Notícias CAPES**, online, mai. 2014. Disponível em: <http://uab.capes.-gov.br/todas-noticias/6943-encontro-debate-a-questao-da-interdisciplinaridade-nas-universidades-brasileiras> Acesso em: 29 dez. 2020.

MOZENA, Regina Erika; OSTERMANN, Fernanda. Dialogando sobre a interdisciplinaridade em Ivani Catarina Arantes Fazenda e alguns dos integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisa em interdisciplinaridade (GEPI). **Revista Interdisciplinaridade**, São Paulo, v. 10, p. 95-107, 2017.

NEWELL, W. H. A theory of interdisciplinary studies. **Issues in Integrative Studies**, v. 19, p. 1-25, 2001.

NEWELL, W. H. Interdisciplinary Integration by Undergraduates. **Issues in Integrative Studies**, n. 24, p. 89-111, 2006.

PHILLIPPI Jr. Arlindo; SILVA, Antônio J. (Ed.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri: Monole, 2011.

REPKO, A. F; SZOSTAK, R. **Interdisciplinary research: process and theory**. Thousand Oaks: Sage, 2017.

REPKO, A. F.; SZOSTAK, R.; BUCHEBERGER, M. P. **Introduction to interdisciplinary studies**. Thousand Oaks, Sage, 2014.

TAIT, J.; LYALL, C.; BRUCE, A.; MEAGHER, L.. **Short guide to developing interdisciplinary research proposals**. Edinburgh: ISSTI, Institute for the Study of Science and Technology and Innovation, 2007, vol. 2.

TEMITOPE, Sanya Aderonke. **Common ground theory: principles and applications**. Ibadan: University of Ibadan, 2015, (paper). Disponível em:  
[https://www.academia.edu/29793224/COMMON\\_GROUND\\_THEORY\\_PRINCIPLES\\_AND\\_APPLICATIONS\\_A\\_PAPER\\_WRITTEN\\_AND\\_SUBMITTED\\_BY\\_SANYA\\_ADERONKE\\_TEMITOPE\\_187758\\_COURSE\\_CODE\\_ENG\\_783\\_COURSE\\_TITLE\\_DISCOURSE\\_ANALYSIS\\_LLECTURERS\\_IN\\_CHARGE](https://www.academia.edu/29793224/COMMON_GROUND_THEORY_PRINCIPLES_AND_APPLICATIONS_A_PAPER_WRITTEN_AND_SUBMITTED_BY_SANYA_ADERONKE_TEMITOPE_187758_COURSE_CODE_ENG_783_COURSE_TITLE_DISCOURSE_ANALYSIS_LLECTURERS_IN_CHARGE) Acesso em: 28 dez. 2020.

WELCH IV, J. The Impact of Newell's "A Theory of Interdisciplinary Studies": reflection and Analysis. **Issues in interdisciplinary studies**, v. 36, n. 2, p. 193-211, 2018.